

DOM TÁVORA, O MEB E A RADIODIFUSÃO CATÓLICA: IGREJA E PROJETO EDUCACIONAL EM ARACAJU (1958-1964)

Autor: Ricardo Pina Santana¹

1

RESUMO

O presente artigo centra-se na figura do bispo Dom Távora, sua participação na educação sergipana através de sua ação dentro da Igreja Católica através das escolas radiofônicas e posteriormente através do MEB (Movimento de Educação de Base) no período entre 1958 e 1964. Em pesquisas em arquivos da Cúria Metropolitana de Aracaju, em jornais de época, especialmente o jornal católico A Cruzada, além de trechos de jornais Correio de Sergipe e Jornal da cidade além de vasta bibliografia voltada para temáticas que visem debater a educação com obras voltadas para Paulo Freire e a biografia do próprio bispo, escrita pelo Padre Isaiás Nascimento. O desenvolvimento educacional em Sergipe permitiu alterar a paisagem social do Estado, pois lideranças sindicais e de movimentos sociais foram criadas no campo e na cidade.

Palavras-chaves: Dom Távora, radiodifusão, Movimento de Educação de Base, Igreja Católica.

1-Introdução

Com o fim do regime militar, que durou dos anos de 1964 até 1989, a historiografia brasileira ganhou um novo fôlego, pois após a repressão as ideologias. Anteriormente uma corrente historiográfica voltada para os heróis tradicionais era a tônica. Novas correntes e escolas puderam voltar a circular no Brasil e assuntos antes banidos estão voltando à baila, eis o caso do MEB (Movimento Educacional de Base), muitos anos taxados de ensino subversivo pelas elites educacionais formadoras de opinião. Hoje, se faz mister o resgate da análise do tema.

Para que tal empreitada se tornasse realidade foi necessária a participação da Igreja, esta passava por um período de mudanças gerado pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, que visava inserir o laicato, ou seja, aquelas pessoas que não faziam parte do clero, na vida social, litúrgica, pastoral; abrindo suas portas aos fiéis para que estes auxiliassem a hierarquia católica em suas demandas pela promoção social, política e espiritual

¹ Licenciado em Ciências Sociais e graduando em História – UFS.

No contexto analisado amiúde notabilizou-se um homem a frente do seu tempo, Dom José Vicente Távora, bispo católico que em sua experiência eclesial percebeu na educação um caminho para dirimir as mazelas dos estratos menos favorecidos social e economicamente. Idealizador de um movimento impar na história educacional sergipana, Dom Távora passou apenas recentemente ao foco da historiografia regional, com trabalhos como a obra do Pe. Isaías Nascimento e algumas monografias elaboradas nas graduações dos bancos acadêmicos, carecendo ainda de muito a ser levantado, pesquisado e descoberto acerca de tal vulto histórico, sendo esta a pretensão da presente pesquisa: elucidar ou e corroborar um pouco mais acerca deste personagem e a forma como este contribuiu para uma sociedade menos desigual através da educação.

É neste contexto que surge nossa análise sobre a radiodifusão em Sergipe, veículo escolhido pela Igreja para atingir as massas iletradas em todo o Estado. Vemos este estudo como um lumiar que vem trazer, à tona a importância do rádio não só como fator agregador da informação, como elemento formador do sergipano entre os anos de 1959 e 1964. Nesta realidade surge a Rádio Cultura de Sergipe, veículo que inicialmente nasceu com a função de educar e transmitir a programação das escolas radiofônicas.

No objetivo geral Buscamos ressaltar o proeminente bispo e seu trabalho junto às classes menos favorecidas e um movimento sem precedentes na história de Sergipe e do Brasil, ressaltando concomitante com este, o MEB e o papel da radiodifusão, ainda pouco ressaltada ante sua importância histórica e social nos estudos historiográficos.

Nosso escopo nos objetivos específicos é ampliar o debate sobre a participação da Igreja de Sergipe, na pessoa do “bispo dos operários”, Dom Távora, através de uma educação ampla e irrestrita voltada para as massas, através de um veículo que se popularizava em todo o território nacional. Fomentar uma reflexão acerca da educação de base, método idealizado por Paulo Freire, visando dar voz aos seus participantes, fazendo destes mais que meros receptáculos do conhecimento e ratificar a importância e participação do MEB e da Rádio Cultura como difusora do conhecimento no estado de Sergipe.

Na análise historiográfica tivemos por finalidade levantar dados a respeito do tema aqui proposto, nos lançamos em busca de fontes escritas no acervo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Aracaju, na hemeroteca da BPED (Biblioteca Pública

Epifânio Dórea) e nos arquivos da Catedral Metropolitana de Aracaju, onde encontramos um vasto material a respeito da temática pesquisada. O material mais promissor encontrado foi o jornal A Cruzada, o livro de tombo da Catedral e cartas remetidas por Dom Távora a diversos órgãos e autoridades do Estado e do país.

Munidos de um referencial bibliográfico nos utilizamos de obras como: Dom Távora: o bispo dos operários, um homem além do seu tempo, do padre Isaías Nascimento, onde podemos retirar dados da vida, obra e passos de Dom Távora, especialmente na Diocese de Aracaju; Movimento de Educação de Base – MEB em Sergipe (1961- 1964) de Francisca Argentina Gois Barros, no qual pudemos nos aprofundar na experiência de Dom Távora com a educação, as escolas radiofônicas e a parceria com a União através do MEB (Movimento Educacional de Base); Fundamentos para uma educação libertadora: Dom Helder Câmara e Paulo Freire, de Martinho Condini, onde tivemos a oportunidade de aprofundar –nos acerca das fontes em que as Escolas Radiofônicas e o MEB beberam dentro de sua pedagogia voltada para os estratos mais marginalizados; ainda com o escopo de compreender a realidade do MEB e das escolas radiofônicas na educação, utilizamos a obra de frei Carlos Josaphat, Tomas de Aquino e Paulo Freire.

A obra Paulo Freire – Uma biobibliografia, organizada por Moacir Gadotti, veio elucidar a origem do método utilizado pelo MEB e as escolas radiofônicas como herdeiras da experiência de Angicos, no Rio Grande do Norte, onde foi possível entender de onde surgiu a inspiração que serviu de experiência para a educação de base.

Foram utilizados nesta pesquisa jornais contemporâneos como o Correio de Sergipe de 18 e 19 de julho de 2010, que abordaram o centenário de Dom Távora e sua importância à época, além de seus feitos e o artigo de Marcos Cardoso no Jornal da Cidade, no caderno Mercado (p.2) de 17 e 18 de janeiro de 2016 elucidando sua importância frente o MEB.

Ao tratar da metodologia e teoria o enfoque dado no presente artigo partiu-se de uma biografia escrita por um clérigo diocesano, o Padre Isaías Nascimento, sobre a vida de Dom Távora, sendo este o personagem principal do processo educacional radiofônico sergipano entre o fim da década de cinquenta e início de sessenta. Mas como a historiografia encarou o gênero biográfico no decorrer de sua evolução epistemológica? Qual o percurso que o gênero biografia traçou dentro do campo da escrita da História?

Segundo Teresa Maria Malatian, professora e pesquisadora da UNESP/Franca, no seu artigo: A biografia e a história, este gênero “nunca esteve ausente das reflexões historiográficas ou das práticas profissionais dos historiadores, mas muitas vezes se fez acompanhar de um mal estar explícito ou implícito” (MALATIAN, p.16).

Percebemos, a partir do pensamento da pesquisadora, que a historiografia e a biografia andaram juntas tanto reflexão como na prática historiográfica, porém, a biografia sempre foi vista com certo incômodo. É esta questão que vamos explorar.

Desde a Antiguidade o gênero biográfico despertou desconfiança de alguns autores renomados, como Tucídides (460 a.C.-400 a.C.) e Políbio (203 a.C.-120 a.C.), por se tratar de “território sujeito à exaltação tendenciosa de um indivíduo, grupo de indivíduos ou causa”. (MALATIAN, p.17). Alguns autores como Momigliano (1993) afirma que a biografia conserva fronteiras fluídas com o campo historiográfico, ou seja, a linha tênue e por vezes incompreendida entre ambas se delinea na medida em que a biografia se ocupa com o estudo dos fatos e gestos dos indivíduos, enquanto à historiografia cabia o relato de acontecimentos coletivos.

Segundo a historiadora, Plutarco (46 d.C.-120 d.C) e Suetônio (69 d.C.-141 d.C.) tentaram produzir um estilo particular de biografias, o primeiro se debruçando sobre os personagens e as virtudes dos homens da Grécia e Roma; o segundo estabelecendo distinções e individualizando o biografado, na tentativa de torna-la mais confiável, desmistificando e evitando apologias na sua obra, A vida dos doze Césares. Assim se configuraram os primeiros padrões de escrita biográfica.

Com o avanço da história, durante o medievo europeu, surge o gênero literário conhecido como hagiografia, ou os *exempla*, no qual as vidas dos santos são retratadas servindo de pregação moralizante na qual os fieis deveriam pautar seu proceder em meio à sociedade da época. Temos na *Legenda Aurea de Jacopo di Varazzi*, um exemplo claro do que está sendo dito. Este foi por muito tempo o livro de cabeceira de muitos religiosos chegando inclusive até nossos dias. A hagiografia medieval é a prova histórica que as biografias acompanham o percurso da historiografia, ora se entrecruzando, ora se amalgamando, perfazendo um itinerário cultural ao longo das sociedades ocidental.

Vemos Voltaire (1694-1778) e Carlyle (1796-1881) escreverem suas biografias, em que se vê o indivíduo como herói modelar e sua ação no mundo, constrói-se assim a noção de indivíduo na idade moderna, onde um modelo de homem é posto no centro dos fatos como paradigma. Percebe-se neste momento, que as biografias desta fase são tributárias das antigas hagiografias medievais, onde um indivíduo era referendado como exemplo para os demais.

Durante o século XIX, Michelet (1798-1874) e Karl Marx (1818-1883) deram ênfase à coletividade em detrimento do indivíduo, excetuando no caso de Marx a sua obra O 18 Brumário de Luís Bonaparte. É neste contexto que a ideologia nacionalista se impõe analisando o indivíduo como produto do seu meio e de sua raça. Nesta fase a biografia visava encontrar uma explicação geográfica, cultural, histórica e social para a formação do indivíduo, enfatizando a pujança nacional.

Em meados do século XIX percebe-se uma dicotomia tipificada pelo termo de historiadores metódicos e historiadores românticos, estes últimos viam o indivíduo como um herói, acima e a frente dos demais. Apesar destas divergências, o século XIX continuará biografias e seus estudos. Porém, neste período, segundo a própria Malatian:

A biografia constituía um passatempo de homens cultivados, literatura prestigiosa de acadêmicos praticada por políticos, advogados, notáveis e letrados em geral, sem alcançar estatuto de cientificidade, como por exemplo, a biografia de Albert Broglie .(2008, p.18)

Alguns autores, ao longo de suas obras, apesar de uma análise generalizante de um determinado evento histórico, irão focar particularmente alguns indivíduos, percebemos este exemplo na obra de Jaurès (1789-1900), História da Revolução Francesa, onde a história social e individual andam juntas.

Os Annales, movimento emblemático na historiografia moderna, ocupa importância central no artigo de Malatian na reflexão sobre o gênero biográfico, segundo a autora, a história se torna território das massas, relegando o indivíduo, porém, não se transformou em um movimento antibiográfico. O historiador francês Lucian Febvre escreverá “Martinho Lutero um destino”, e “A religião de Rabelais”, porém, Febvre rompe com a concepção de super-homem, modelo a ser seguido incutido pelas biografias, preparando a história das mentalidades. Segundo Malatian, “ao utilizar o

procedimento biográfico, Febvre combinou erudição e História-problema para evidenciar uma postura epistemológica” (MALATIAN, p.19).

March Bloch (1886-1944), outro autor citado pela autora, e expoente da Escola dos Anales estudou o indivíduo inserido nas estruturas agrárias da sociedade feudal. Ele irá propor o abandono das personalidades principais, pela qual a história se pautava em substituição aos personagens anônimos ou menos conhecidos, revelando estes a história de sua época por um prisma mais esclarecedor.

Com o advento da História Oral, a biografia ganha nova importância, e o indivíduo anônimo é trazido para o cerne de questões políticas, sociais e econômicas, onde servirão de chave explicativa para a sociedade a que corresponde. Autores como Georges Duby, e Le Goff, ambos influenciados pelos Anales, escreverão obras como: “Guilherme o marechal” e “São Luís”, na qual interpretaram todo o contexto de sua época através de seus biografados.

Carlos Ginzburg (1939), também se servirá do gênero biográfico, para contar a história de Menóquio, o moleiro, em *O queijo e os vermes*, este é um exemplo de micro-história, onde seu autor faz uso de um personagem para remontar um quadro em um determinado contexto sócio-histórico

Malatian pontua uma questão importante: as semelhanças e diferenças, as proximidades e distanciamentos entre a literatura e a história, o historiador pode e faz uso do gênero literário incorporando técnicas e estilos literários com a finalidade de remontar um quadro mais preciso possível da realidade retratada, porém, enquanto estudioso, possui o múnus de eliminar a mescla entre biografia e romance, estabelecendo referências documentais e empíricas seguras.

Para Vavy Pacheco Borges, professora do Departamento de História da UNICAMP no capítulo intitulado “Grandezas e misérias da biografia”, este gênero recebe pechas nem sempre positivas, como: “gênero composto”, “híbrido”, “controverso”, “problemático”, “confuso”, “duvidoso” e “gênero menor”, não em vão, ainda hoje, nos meios acadêmicos alguns professores de história ainda guardam certo ranço tradicional a respeito das biografias como forma de fazer História.(2010, p.203) Porém, hoje, o quadro está se modificando, como gênero controvertido e execrando passou a estar em alta com a Nova História.

No passado, a biografia era vista como literatura, enquanto a história era vista como “ciência”, isto se modifica como foi dito acima, com a Escola dos Anales, tradição francesa que bebeu na Antropologia e na Sociologia o estilo biográfico de (re) contar as trajetórias dos povos e civilizações a partir do sujeito.

Segundo Borges, os autores do passado não concebiam esta forma de fazer história, entendendo que ao contar as histórias de vida dos indivíduos não estavam alguns escritores contando a história da coletividade, o que contava com certo grau de plausibilidade, pois estas histórias pessoais não contavam com o crivo metodológico e científico posteriormente implementado após o advento dos Anales.

A obra *Life of Samuel Johnson LL. D.* é citado pela autora como marco e exemplo de biografia moderna, tendo como seu ideal contar a verdade dos fatos, dramatizando os diálogos, pautado em documentação e entrevistas com os mais diversos personagens.

Ao longo da história, alguns literatos e historiadores, em uma tentativa de epistemologizar o gênero biográfico categorizaram paradigmas de transformações na biografia. É o caso de Michel Trebitsch e Daniel Madelénat que cria três paradigmas: A biografia clássica, romântica e moderna. O historiador François Dosse também cria três categorizações de biografias: a “fase heroica”, que transmitia valores através de modelos; a “biografia modal”, que possuía valor para apresentar a sociedade e a terceira conhecida como “idade hermenêutica”, onde as escolas e teorias mais variadas são aplicadas ao gênero em busca de se construir a história.

Alain de Botton, fala na biografia como um *voyeurismo*, onde na verdade o que buscamos é “bisbilhotar, ver alguém em pleno ato de administrar o negócio da vida” (BORGES 2010, p.210). Trocando em miúdos, desde os primórdios das civilizações, nos interessou o que a vida do outro tem a dizer, o que por si pode adquirir um caráter informal e prosaico, porém a história das mentalidades, os memorialistas e outros movimentos recentes de caráter científico souberam dar critério, método e empiria ao gênero biográfico, colocando-o a serviço da historiografia enquanto ferramenta de pesquisa e conhecimento recontando histórias célebres e anônimas.

A biografia torna-se assim uma fonte histórica riquíssima, na qual lê-la é saber um pouco mais amiúde sobre a sociedade daquela época, vide Menóquio, o oleiro, que nos

permite entrever, através de seu processo inquisitorial, os usos, costumes, cultura e cosmovisão da sociedade italiana medieval.

Borges lembra-nos, porém algo importante, se a história não escreve verdades, mas representações da verdade não se incorram no erro nem na pretensão de se desejar uma biografia factual sem interpretações, mas eivadas de subjetividades, próprias do gênero histórico, porém, como diz mais adiante, aceitar a subjetividade no campo histórico não significa ser subjetivo. É necessário ainda, segundo a autora, que “a sensibilidade do historiador seja necessária para preencher as ausências e vazios do biografado” (BORGES 2010, p.221)

Na conclusão de seu artigo, Vavy Pacheco Borges atenta-nos para uma boa pesquisa e uma narração bem escrita é essencial no processo de elaboração de uma biografia, a fim de construir uma história envolvente que prenda o leitor.

Neste contexto é que se insere a biografia de Dom Távora, escrita por Isaías Nascimento; nela podemos vislumbrar a sociedade aracajuana, entender o drama social de milhares de analfabetos, as estruturas precárias de um estado carente no qual a Igreja era a única porta-voz dos menos afortunados. A história da formação intelectual e espiritual, a influência e até a proximidade dos colegas de episcopado, como Dom Helder, permite-nos entender o bispo pernambucano e sua trajetória até Aracaju, bem como sua *práxis* frente à diocese de Aracaju. Através de sua história de vida, reconheceremos elementos que perfazem o quadro de época construindo o cotidiano de Aracaju e entender, o quadro educacional sergipano e sua dinâmica entre 1958 e 1964.

2- Dom Távora e a Arquidiocese de Aracaju.

Nascido no município de Orobó, Pernambuco, localidade hoje conhecida como “Olho D’Água das Bestas e depois como Queimadas do município de Bom Jardim em 19 de julho de 1912. Dom Távora, filho de Severino da Silveira e Antônia de Albuquerque Távora. Estudou no Seminário Menor da cidade de Nazaré e no Seminário Maior de Olinda. Ordenou-se em 6 de abril de 1934 quando foi nomeado pároco de Nazaré, Designado Visitador Diocesano, dirigiu o semanário católico Gazeta de Nazaré. Nomeado Pároco de Goiânia(Pernambuco), organizou e presidiu o Segundo Congresso Operário do Estado de Pernambuco. Em 1939 e 1941 inicia ampla atuação nos

sindicatos operários, após o que se transfere para o Rio de Janeiro. Chegando a esta cidade, é nomeado Assistente Eclesiástico da Federação dos Círculos Operários e professor da Faculdade de Filosofia Santa Úrsula. Lecionou a cadeira de Doutrina Social da Igreja, na Escola de Serviço Social e no Instituto Social da Pontifícia Universidade Católica; daí percebemos, que seu conhecimento a respeito da ação social está atrelado a um conhecimento teórico daquilo que a Igreja ensinava no Concílio Vaticano II, não sendo sua *práxis* pastoral uma ação de ideologias de esquerda, como futuramente o acusaram os militares

Influenciado pela Doutrina Social da Igreja, nos documentos como a *Rerum Novarum* (1891) do Papa Leão XIII, *Mater et Magistra* (1961) de João XXIII, *Eclesiam Suam* (1963) de Paulo VI, *Populorum Progressio* (1967), *Octogesima Adveniens* (1971), *Humana Vitae* (1968), *Evangelii Nuntiandi* (1975), e entre 1962-1965, dentro do Concílio com *Gaudium et Spes*, *Dignitatis Humanae* e *Inter Mirifica*; Dom Távora foi sensível ao espírito da época, vivendo uma Igreja aberta aos leigos e ao povo, uma Igreja que surge no Pacto das Catacumbas, movimento organizado pelos bispos dos países em desenvolvimento, fazendo-se mais servidora e com um olhar mais voltado para o sofredor. Uma Igreja amadurecida pela experiência pós conciliar nos Concílios de Puebla e Medellín.

Designado Assistente do Cardeal Dom Jaime Barros Câmara em assuntos referentes a Ação Social, empenhou-se pela fundação da Ação Social Arquidiocesana, da restauração da Casa da Empregada Doméstica e da instituição da Fundação Leão XIII e para assistência aos moradores de morros e favelas. Exerceu ainda as funções de Assistente Eclesiástico da Ação Social Arquidiocesana, da Liga Independente das Senhoras da Ação Católica, presidiu a Fundação Leão XIII, foi assistente da Juventude Operária Católica (JOC).

Eleito bispo em 23 de junho de 1954, em 25 de julho do mesmo ano foi sagrado Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro. Em 1947 participou ativamente em Semanas e Estudos Internacionais da JOC, no Canadá e, em 1950 na Bélgica, onde esteve presidindo delegações brasileiras.

Em 1957, participou do Encontro Nacional dos Bispos do Nordeste, do Encontro Internacional da JOC e do Congresso Jocista, em Roma. Dom José Vicente Távora foi também Vice-presidente da Legião Brasileira de Assistência, Superintendente religioso

da Fundação Abrigo Redentor, Assistente Eclesiástico do Movimento Familiar Cristão e Membro da Comissão Executiva do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional. Em 27 de novembro de 1957, Dom Távora, aos 46 anos de idade, foi nomeado Bispo de Aracaju, sucedendo a Dom Fernando Gomes, que fora nomeado como primeiro bispo de Goiânia. Alguns historiadores divergem quanto a data de sua nomeação e Francisca Argentina afirma em sua obra que ele teria sido nomeado Bispo de Aracaju, em 30 de novembro de 1957, sendo consenso sua posse na Diocese de Aracaju em 22 de março de 1958. Foi nomeado Arcebispo Metropolitano em 02 de julho de 1960. Faleceu no dia 03 de abril de 1973, vítima de problemas cardíacos.

O “bispo dos operários”, como ficou mais conhecido devido ao seu engajamento com o proletariado e as camadas populares, Dom José Vicente Távora, foi uma das figuras mais notórias da Arquidiocese de Aracaju, primeiro arcebispo metropolitano, dedicou-se às causas sociais nesta cidade especialmente debruçou-se sobre a educação, vendo nesta uma possibilidade de libertar os estratos mais pauperizados. Segundo Osmar Fávero, baseado na experiência de Januzzi, município de Valença no Rio de Janeiro em 1950 e de Sutatenza na Colômbia, as Escolas Radiofônicas foram implantadas tanto no meio agrícola, como na capital sergipana. Mais tarde veio a somar o Governo Federal e o MEB – Movimento Educacional de Base, formando uma parceria entre Estado e Igreja em prol da educação, foi um tempo em que o desenvolvimentismo, ideia que fomentava o crescimento infraestrutural das indústrias, era uma ideia bastante propalada devido ao Plano de Metas do Governo Juscelino Kubitschek. Dom Távora, estando a favor de um desenvolvimentismo humanista, este percebeu, porém, que era necessário preparar e qualificar a população de sua diocese, tornando-a uma mão de obra qualificada, apta aos novos desafios que o progresso trazia.

O rádio, que naquele período era um veículo bastante difundido, foi escolhido por atingir as várias camadas populares, com o intuito de educar e instruir a população. Surgiu, idealizado pelo novo arcebispo a “Rádio de Cultura”, esta levaria a educação, a formação e a instrução para as camadas populares, promovendo uma vida mais digna e fomentando consciência nas classes mais afetadas pela miséria e falta de saneamento básico. O meio utilizado foi eficaz, pois naquela época, décadas de 50 e 60 era muito popular, daí decorre também o sucesso das Escolas Radiofônicas, de sua aceitação e penetrabilidade nas camadas mais simples da população.

Tendo sido pároco no Rio Grande do Norte e Bispo Auxiliar na antiga capital brasileira, o Rio de Janeiro, Dom José Vicente Távora assumiu de fato sua primeira missão a frente de uma diocese em Aracaju. Assim nos conta Francisca Argentina Gois Barros:

Dom José Vicente Távora, terceiro bispo diocesano, chegou a Aracaju no dia 22 de março de 1958. A tônica constante dos artigos e editoriais dos jornais locais, nos meses que antecedem a sua chegada dá destaque ao rigor moralizador que a figura do pastor religioso simbolizava e que para alguns, somente com a sua presença temas como a justiça e a caridade tornaram-se práticas “concretizadas no âmbito das Dioceses, atuantes em nossas circunstâncias reais, operantes, fazendo sentir aos bons sua doçura e aos maus sua reprovação”. (BARROS, p.40-41)

A Igreja de Sergipe, capitaneada pelo pensamento do seu pastor, inovou, naquela época, na forma de promover o homem, atuando na área sócio-educativa, tudo isto se coadunava com as encíclicas de João XXIII, que se preocupou com os rumos da humanidade e a promoção social; ademais, a situação de pobreza e penúria que a civilização encontrava-se engendrou a implementação da Doutrina Social da Igreja, formulada ao longo do tempo pelo pontífices e culminando em um corpo doutrinal, dentro do Concílio Vaticano II. Esta doutrina, de forte caráter humanista, passará a ser estudada por um novo órgão criado como consequência da experiência dos bispos brasileiros no Concílio universal: a Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), que passará a se preocupar e valorizar as necessidades materiais humanas, como a reforma agrária, o saneamento básico e a promoção humana em todos os seus aspectos, em detrimento apenas das demandas espirituais.

Munido deste ideário, Dom Távora chega a Sergipe, trazendo em seu histórico o trato com a população mais desassistida e segundo Francisca Argentina:

Imediatamente após sua chegada faz visitas ao interior do Estado e, através de reuniões com agricultores, fica a par da situação dos municípios atingidos pela seca. (BARROS, p.75)

Percebemos a preocupação do bispo com a situação calamitosa que a seca de 1958 provocara, gerando o êxodo rural, o que acarretava no inchaço populacional do meio urbano, inclusive na capital sergipana, além da precarização da qualidade de vida destes imigrantes. Isto fica claro em documento intitulado “Educação de Base”, onde Dom

Távora afirma que “a miséria a qual devemos combater deve ser compreendida por três elementos principais: a privação, a doença e a ignorância. (BARROS, p.73)”

É nesta tríade de flagelos sociais que o bispo dos operários irá se debruçar, buscando amenizar a dor do proletariado urbano e do camponês, sendo, portanto uma das pautas mais importantes da Diocese de Aracaju: a luta pela reforma agrária, melhores condições de vida (saneamento básico) e aumento da qualidade e ampliação do quadro educacional no Estado de Sergipe.

Os ecos do pensamento de Dom Távora eram tão importantes que, segundo Francisca Argentina, serão percebidos na CNBB:

Ele era, na verdade, um dos intelectuais, divulgadores do pensamento do episcopado nacional no interior da CNBB, que, entre 1955 e 1964, era a força mais importante para os impulsos reformistas da Igreja brasileira. (BARROS, p.77)

Isaiás Nascimento, em sua biografia acerca do “bispo dos operários” pontua que sua origem nordestina, tal qual, as ovelhas do seu redil, seja um dos fatores que o fizera conhecedor de seus dilemas, dores e anseios a respeito das agruras do seu povo, além de uma forte participação no meio social:

Ele já era reconhecido como o Bispo da Ação Social por dedicar-se aos excluídos de Aracaju. Nesse espírito inovador de solidariedade aos excluídos, a escolha de Dom Távora para sucedê-lo foi um ato de continuidade pastoral e não de ruptura. (NASCIMENTO, p.45)

Este ato de continuidade pastoral se deu pelo fato de o trabalho de Dom Fernando Gomes se assemelhar ao que Dom Távora exercera no seu antigo posto de bispo auxiliar.

Este novo bispado, afinado com os eflúvios inovadores doutrinários da Igreja romana, trazia o tom de frescor dos ventos soprados pelo Concílio Vaticano II, particularmente no tocante a Doutrina Social da Igreja, que transformava seus pastores em porta-vozes dos pobres, proletários e camponeses desvalidos de um defensor ante as agruras sociais, especialmente no Nordeste.

Os anais do Seminário Menor localizado no bairro Industrial relataram:

Novo Bispo de Sergipe – Com suma alegria o Seminário Diocesano soube da notícia de que a S.S. Padre Pio XII, gloriosamente reinando, dignara-se nomear bispo de Aracaju o Exmo. e Revmo. Sr. Dom José Vicente Távora, que

desempenhava o cargo de Bispo Auxiliar de S.Ema. o Sr. Dom Jaime de Barros Câmara, DD. Arcebispo do Rio de Janeiro.²

Dom Távora abraçou seu episcopado com o seguinte lema: “*In manustuis sortes meas*” – “Em vossas mãos repousa a minha sorte.”, trecho extraído do Salmo 31,16. Assim abraçou o “bispo dos humildes” sua nomeação para ser o novo bispo de Aracaju:

(...) recebi minha nomeação para Pastor diocesano de Aracaju com humildade, sem nenhuma convicção de merecimento pessoal, mas convicto de que, não obstante tudo, fui escolhido pelo Espírito Santo para reger essa área da Igreja de Deus que é a minha Diocese. É assim com uma visão sobrenatural, que, desde o dia em que tive a certeza da minha escolha para Bispo dos sergipanos, comecei a pensar e a viver a nova tarefa de minha vida. (NASCIMENTO, p.50)

A “opção preferencial pelos pobres”, termo utilizado pela Teologia da Libertação que traz toda uma carga valorativa e ideológica, teve seu início dentro do Concílio Vaticano II, com o chamado Pacto das Catacumbas, este consistia em uma adesão por parte dos bispos dos países em vias de desenvolvimento, tais como África e América Latina e terá grande influência no episcopado de Dom Távora que apoiou o movimento. Esta adesão fica clara no seu ideário quando este afirma no jornal A Cruzada:

Amarmos todas as classes sociais, porém, especialmente, os que mais necessitam de ajuda, de assistência, de soerguimento. Amarmos os pobres, as crianças, os velhos, os enfermos. Amarmos até quem nos magoa, nos despreza, nos hostiliza, a quem nos persegue.(NASCIMENTO,p.52)

Isaías Nascimento afirma que vários jornais, como o semanário “O Nordeste” no dia 29 de março de 1958 noticiaram que Dom José Vicente Távora era o “bispo dos pobres, humildes, corajoso e sincero; isto demonstra o espírito que tomava conta da cidade em vias de sua chegada. A Cruzada noticia por oportunidade de sua chegada “que Sergipe operário e cristão está em festa pela chegada do Pastor (...) uma voz nacional que clama pelos humildes”³

Conta-nos o padre Isaías Nascimento, em sua obra, que chegada do bispo dos operários estava prevista para o dia 15 de março de 1958, mas foi adiada para o dia 22 daquele mesmo mês, a pedido do Governador do Estado, Leandro Maciel e da bancada

² In. Nascimento, p.52

³ Nascimento, p.53.

sergipana na Câmara Alta, pois dia 15 de março era a data de início das atividades no Congresso Nacional:

Compareceram no aeroporto diversos representantes da sociedade civil, líderes sindicais, o Governador Leandro Maciel, o seu vice, Dr. José Machado de Souza, o prefeito de Aracaju Rosevelt Cardoso de Menezes, além de religiosos e religiosas, padres, seminaristas, dirigentes da Ação Católica e do Círculo Operário de Aracaju. (NASCIMENTO, p.56)

Narram os jornais da época, especialmente A Cruzada, bem como o livro do tomo número 2, arquivado na Cúria Metropolitana da catedral que sua chegada fora triunfal e festiva, vivendo Sergipe verdadeiras horas de efusividade e alegria, vejamos um trecho do citado registro:

Chegou Dom José Vicente Távora a cidade de Aracaju, engalanou-se para recebê-lo piamente. Via-se vários arcos nas ruas por onde havia de passar o nosso Pastor, ostentando as armas de um bispo(...) Desde o aeroporto Santa Maria, até a Catedral Diocesana ostentavam bandeiras cruzadas e faixas, com o dizer alusivo a chegada de um bispo. As 16h45min desceu Sua Excelência de um avião que o transportou do Rio para esta cidade. Foi saudado pelos sons festivos da Banda Militar do Vigésimo Oitavo Batalhão de Caçadores (28 B.C.) postada ao longo da pista. Sua Exc.^a Revma. Foi então cumprimentada pelas autoridades eclesiásticas, civis, e militares e por muitas pessoas gradas que ao lado da grande massa ali juntada ovacionaram o Pastor querido na mais entusiástica demonstração de carinho.

Percebemos que Dom Távora chega a Aracaju, portanto, com *status* consolidado de “bispo das massas”, “pai dos pobres”, “bispo dos trabalhadores”; estas alcunhas facilitam a consolidação de seu carisma inicialmente no seio da Igreja sergipana.

Verifica-se que a fama de “bispo dos operários” surge ainda como seminarista na Diocese de Nazaré da Mata e se consolida no Rio de Janeiro através dos seus inúmeros trabalhos sociais. A luta pela reforma agrária, pela educação das classes desprovidas e formação de lideranças sindicais foram suas bandeiras. Participou das quatro sessões do Concílio Vaticano II, de onde trouxe suas principais ideias desenvolvimentistas, especialmente com a participação do laicato, ponto focal em que o Concílio abordava como vital para os novos rumos da Igreja Católica. Neste contexto surge um movimento que influenciará a biografia de Dom Távora na Igreja em Sergipe, quem nos relata é o Padre Isaiás, no Cinform de 2013:

Nesse espírito, durante o Concílio, surgiu um grupo de mais de 500 bispos que ficou conhecido como Igreja dos Pobres. Eles assinaram o famoso “Pacto das Catacumbas”, em que assumiram compromisso de vida pobre e a serviço da causa dos pobres, emprestando a esses seu poder e sua voz. A maioria dos bispos assinou o Pacto. Os bispos de Sergipe, Dom José Távora e Dom José Brandão, de Propriá, foram signatários e foram coerentes com o Pacto: assumiram um estilo de vida austero e de compromisso com os excluídos do seu tempo e, por isso foram perseguidos.⁴

Foi neste espírito de coerência que Dom Távora assumiu a Diocese de Aracaju, ao mesmo tempo que assume um compromisso com os mais humildes, como os trabalhadores de cana e operários de fábricas. Na época de sua posse, Aracaju contava com 70% de analfabetos e muita pobreza, segundo Francisca Argentina em sua obra sobre o MEB. Inconformado, desde o início Dom Távora atuou no intuito de erradicar estes dois males, ciente que a educação e a informação eram as chaves para a saída de uma vida de miséria.

Segundo o Padre Isaías, no Jornal da Cidade de 2008, muitas foram suas obras sociais em Aracaju, sendo algumas conhecidas até a atualidade.

O bispo dos operários fortaleceu o SAME (Serviço de Assistência à Mendicância), com a finalidade de cuidar e acolher os pobres abandonados na capital; criou a Casa da Doméstica e estruturou grupos de convivência com as prostitutas da capital. Para os desempregados de Aracaju juntaram-se aos empresários, detentores dos meios de produção, com a finalidade de trazer indústrias a fim de gerar emprego e renda, temos a Fábrica de Cimento como exemplo; com a finalidade de acompanhar a agricultura familiar em nosso estado ajuda na criação da DEAGRO (antiga ANCAR). Vive a noite escura da Ditadura Militar, viu seus colaboradores mais próximos ligados às pastorais sociais, ao MEB e a Ação Católica serem presos e perseguidos. Há rumores que ele mesmo passou pela prisão domiciliar, sofrendo humilhações por defender seu povo e as democracias no país.⁵

Dom Távora entendeu que o mundo passava por mudanças, sendo contemporâneo de Juscelino Kubitschek e seu Plano de Metas, que tinha como palavra de ordem desenvolvimentismo brasileiro, e não se opôs a esta transição, mas acrescentou o caráter humanístico, ou seja, a promoção do homem às estratégias propostas pelo Governo. Aliado e amigo de Dom Helder Câmara, que já gozava de bastante influência no meio

⁴ CIFORM – Ano XXX – Edição 1585, p.04

⁵ . NASCIMENTO, Dom Távora, o bispo dos operários. In: Jornal da Cidade, 05/10/2008, p.9B

sócio-político nacional, Dom Távora falou de Igual para igual com os governantes de sua época sempre lutando para conseguir o melhor para as populações mais carentes do estado de Sergipe, embasado pelo clero que também passava por mudanças com a criação da CNBB e voltava sua atenção para os mais desprovidos de bens materiais. Marcos Cardoso no Jornal da Cidade no apresenta o espírito desta época:

É da Igreja ser conservadora. É da sua essência e disso depende a sua sobrevivência. É dogmático. E dos temas profanos, sexo é o mais carregado de tabu. Vem da concepção do próprio Cristo, que nasceu de uma virgem etc. Mas houve tempos em que a Igreja foi, se não ousada, mais avançada. Pelo menos no Brasil. Pelo menos em Sergipe. Um desses tempos foi o começo dos anos 60. A Igreja estava sintonizada com a efervescência da época. O mundo passava por mudanças e a juventude brasileira dava sinais de querer mais do que mudar comportamentos sociais. Havia grupos jovens ligados à Igreja e havia um arcebispo ávido por transformações. Era Dom Távora, criador e principal dirigente impulsionador do processo de conscientização em Sergipe, que inovou alfabetizando através da rádio Cultura, também criada por ele em 1959.⁶

Dom Távora tinha plena noção do seu trabalho pastoral e lucidez das dificuldades que iria enfrentar em Sergipe, uma região onde os índices de analfabetismo, gerava submissão da população carente às elites. Uma região onde as oligarquias dominavam sobre a população pobre. Ciente das dificuldades e imbuído do espírito cristão, mais particularmente da mística católica, que era própria do seu múnus arcebispal e sacerdotal, o bispo dos proletários afirmou na revista “A Cruzada”:

(...) recebi minha nomeação para Pastor diocesano de Aracaju com humildade, sem nenhuma convicção de merecimento pessoal, mas convicto de que, não obstante tudo fui escolhido pelo Espírito Santo para reger essa área da Igreja de Deus que é a minha Diocese. É assim, com uma visão sobrenatural que desde o dia em que tive a certeza da minha escolha para Bispo dos sergipanos, comecei a pensar e a viver a nova tarefa de minha vida.⁷ (A Cruzada, In: Nascimento. Dom Távora, o bispo dos operários, p.50)

“Em vossas mãos repousa a minha sorte”, com este lema o “bispo dos operários” parecia prever as dificuldades que iria enfrentar quando decide abraçar com as novas diretrizes do Vaticano II e reforçadas pelo Pacto das Catacumbas, uma Igreja voltada para os mais necessitados. Costurando alianças com os poderes públicos e falando aos

⁶CARDOSO, In Jornal da Cidade 17 e 18/01/2016, p.2. Caderno Mercado.

⁷A entrevista do novo Bispo. A Cruzada, In: Nascimento. Dom Távora, o bispo dos operários, p.50

corações do empresariado católico, Dom Távora ira se debruçar para as causas sociais, buscando um contínuo desenvolvimentismo humanista, onde os marginalizados fossem incluídos e melhores condições de vida fossem geradas, evitando assim o êxodo rural que inchava as cidades e trazia desordem econômica e social para todo o estado. Daí decorre que uma das suas principais bandeiras, bem como da recém-criada CNBB, fosse a reforma agrária, para assim evitar a espoliação da terra e conseqüente dependência e pauperização do homem do campo pelo latifúndio. Daí decorre o interesse especial do novo bispo pelo homem do campo, em especial no que tange a educação deste. A educação era a forma de livra-lo dos dissabores do desenvolvimentismo tecnológico, além de liberta-lo das amarras do capitalismo excludente que, ao privava-lo de sua terra, o destituía conseqüentemente dos meios de produção.

A Arquidiocese de Aracaju ganhava assim um pastor que pensava na coletividade, que não concebia interesses classistas. Assim foi Dom José Vicente Távora no campo educacional, é o que percebemos na sua prédica, no Boletim do Encontro das Religiosas da Diocese de Aracaju:

O nosso sistema educacional no Brasil, está perdendo uma riqueza extraordinária porque só deseja educar os bons elementos. Os tipos excepcionais são difíceis, mas darão futuramente bons elementos, desde que trabalhados e modelados com tato.⁸

Comungando com a abertura do Vaticano II, que abria espaço para a atuação do leigo, Dom Távora insere jovens e adultos através das Juventudes Operárias e Estudantis em Aracaju, jovens, adultos, camponeses, operários, serão inseridos na realidade política e social aracajuana. Lideranças sindicais surgiram graças ao trabalho do MEB (Movimento Educacional de Base) em todo estado de Sergipe.

Influenciado por Paulo Freire (1921-1997) e Padre Cardijn (1882-1967), Dom Távora inicia seu plano ao mesmo tempo desenvolvimentista e humanístico, pautado na “opção preferencial pelos pobres” e no “ver-julgar-agir” o bispo dos operários concretiza seu plano com parcerias, trazendo para seu lado parcela do empresariado local e políticos, bem como o próprio Governo Federal.

⁸Boletim do Encontro das Religiosas da Diocese de Aracaju, presidido pelo Exmo. e Revmo. Sr. Bispo D. José Távora. Pasta Dom José Távora. 1958-60, pasta 57. Arquivo da Cúria Metropolitana de Aracaju

Os ensinamentos da Igreja eram enfim postos em prática no diminuto Estado de Sergipe, através de um trabalho pioneiro de radiodifusão educativo, que propunha levar formação para as massas.

3- Dom Távora e o MEB

O padre Isaías Nascimento informa-nos em sua obra que no fim da década de 50, o estado sergipano possuía 850 mil habitantes, sendo 70% de sua população analfabeta. Em 62 municípios, estima-se que 25 mil crianças usufruíam de uma estrutura precária, não havendo um trabalho voltado para a alfabetização de adolescentes e adultos. O ensino superior contava com o apoio da Igreja, que possuía na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe seu grande expoente; porém, as bases da população sergipana não sabiam ler, escrever, não conheciam as quatro operações nem as noções básicas de higiene, geografia ou agricultura.

Dom Távora, percebendo a necessidade urgente da população iletrada e sem instrução recorre às Escolas Radiofônicas, em uma parceria com o Estado naquilo que se chamara de MEB (Movimento de Educação de Base) de forte inspiração freiriana. Mas o que é o MEB? O padre Isaías Nascimento nos responde em sua obra:

O MEB é fruto da experiência de educação a distância com escolas radiofônicas sob a responsabilidade do Serviço de Assistência Rural(SAR) da Diocese de Natal(RN), no tempo de Dom Eugênio de Araújo Sales. Ele, por sua vez, se inspirou na experiência da Diocese de Sutatenza, Colômbia. Experiências como essas se espalharam por vários países da América Latina (...). Atualmente, no Equador, existe toda uma rede de rádios AM e FM que animam a cultura e organização das comunidades indígenas. Elas começaram em Riobamba, com o Mons. Proaño, reconhecido como profeta do país. O movimento indígena equatoriano praticamente foi organizado e fortalecido a partir dos trabalhos feitos conjuntamente pelos programas educativos e culturais das rádios. Essas rádios formam uma rede que se chama CORAPE (Cooperativa de Rádios Populares do Equador). (NASCIMENTO, p.147-148)

Qual era a função do MEB? Informa-nos Frei Carlos Josaphat, em sua obra, “Tomás de Aquino e Paulo Freire”:

O MEB se voltava para a população do interior, das cidades e lugarejos desprovidos de comunicação e educação e

recorria aos meios radiofônicos. E transmitia para comunidades e suas lideranças programas a partir dos grandes centros. O movimento se ampliou, aliou-se a outras iniciativas educativas e culturais, bem como ao trabalho mais amplo das Comunidades de Base e até mesmo de caráter político, como a Ação Popular. (2016, p.153)

A Igreja passa a desenvolver um trabalho de educação a distância junto com o SIRENA (Sistema Rádio Educativo Nacional), órgão ligado ao Ministério da Educação.

A influência de Dom Távora chega até o alto escalão da política e em novembro de 1960 ele escreve uma carta para o presidente eleito, mas ainda não empossado Jânio Quadros, nesta epístola, exposta no jornal A Cruzada de 31/12/1960, o bispo expõe a situação do homem do campo e aponta soluções. Dom Távora pede ajuda ao futuro presidente, em carta-resposta, o presidente que estava em Londres o envia sua réplica:

(...) Já conhecia a experiência-pilotode Sergipe. Os planos para estendê-la a todo o país parecem objetivos. Condizendo na sua estrutura, com a emergência nacional, recomendarei aos órgãos próprios do governo o estudo deles para que incorporem suas gestões à política oficial de alfabetização de milhões de brasileiros.⁹

O MEB será um plano emergencial de educação popular, ou seja, voltado para os estratos marginalizados da sociedade e sem acesso ao ensino; daí a eficácia do aparelho radiodifusor que transmitirá os conteúdos para os rincões mais afastados sem a necessidade de um professor, mas apenas de um monitor que acompanhe a dinâmica *in loco*.

Contando com o apoio de todo o episcopado brasileiro unido na recém criada CNBB, Dom Távora, recebe a anuência do presidente Jânio Quadros e em 1961, o decreto n.50.370/61 é aprovado, o que permite o financiamento por parte do Governo Federal durante os cinco anos subsequentes. A CNBB administrará o projeto, cujo o convênio com o Ministério da Educação e Cultura é assinado no dia 21 de março de 1961.

Dom Távora por sua participação ativa na criação de tal empreitada e por seus esforços junto às autoridades é nomeado pelos bispos da CNBB como o primeiro presidente do MEB. Assim nascia um projeto educacional que marcará época, baseado

⁹ A Cruzada, de 31/12/1960. In NASCIMENTO, p.151.

no método do educador Paulo Freire, que falava e pensava a linguagem e o *modus operandi* do homem simples, do agricultor e do proletário urbano e desta forma educava eficazmente as camadas mais economicamente desprovidas. Sem separar aprendizado e contextualização social, Paulo Freire marcou época na educação brasileira, levando milhões a saírem do analfabetismo com seu método.

Segundo Francisca Argentina Gois Barros, as Escolas Radiofônicas são introduzidas em Aracaju a partir de 1959, mas é em 1961 que terá personalidade jurídica, ou seja, elas só passam a existir de fato após a parceria com o Governo Jânio.

O MEB de Natal promovia, segundo a autora, além de “programas de alfabetização, programas de cooperativismo, artesanato, colonização, orientação às migrações internas, treinamentos de lideranças, politização, sindicalização e educação pelo rádio”. Em Aracaju, o foco principal era a educação voltada para a alfabetização.

Eis um trecho da carta de Dom Távora endereçada a Jânio Quadros, em que percebemos seu entusiasmo no projeto da educação pelo rádio. Notemos também a organização e a estratégia previamente traçados para a consecução do MEB:

(...) Posso-lhe adiantar que os planos estão estudados; o sistema está encontrado; as experiências-piloto, lançadas anteriormente para uma expansão posterior a todo o Brasil, já plenamente coroadas de êxito; o pessoal técnico está em treinamento; a mobilização nacional organizada e permanente para o ‘Movimento’, pode ser feita pelo Episcopado, sem nenhuma dúvida. Não há necessidade de verbas especiais por parte do Governo Federal, bastando, apenas a aplicação das que se destinam à alfabetização das que se destinam à alfabetização e educação de adultos e adolescentes, que foram sempre verbas orçamentárias subestimadas sem sistema nem rendimento, como V.Excia. sabe. Outras fontes serão os grandes órgãos fundados pelo Serviço da Comunidade e autarquias mistas que certamente estarão dispostos a cooperar num trabalho patriótico que é também deles. (BARROS, p.113-114)

O Governo Federal, portanto, passa não só a apoiar o MEB, como irá absorvê-lo posteriormente, pelo lado da Igreja o MEB conta com o apoio da CNBB e tem em Dom Távora seu arauto. A resposta do presidente eleito Jânio Quadros é divulgada no jornal católico, A Cruzada:

Encaro como oportuna e auspiciosa cooperação as conclusões da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que escolheu Vossa Excelência como altíssimo intérprete.

(...) Já conhecia a experiência piloto de Sergipe. Os planos para estendê-la a todo o País parecem-me objetivos. Condizendo, na sua estrutura com a emergência nacional. Recomendarei aos órgãos próprios do Governo o estudo deles para que se incorporem suas sugestões à política oficial de alfabetização de milhões de brasileiros. (...) Digo mesmo a Vossa Excelência que os planos me entusiasmaram. Apoiarei no que me couber a execução. Utilizar o rádio para a ação educativa, como já se fez timidamente em outras partes, poderá ser, no Brasil, a chave para mais rápida solução de angustioso problema nacional (...). Estou certo que, unindo empenhos, Governo e Episcopado realizarão decisivo esforço para eliminar o analfabetismo. (BARROS, p.115-116)

O MEB, enquanto projeto nacional tem, portanto, em Sergipe seu ponto de partida, pois a experiência piloto deste projeto educativo apoiado pelo Governo Federal surge em Sergipe através das Escolas Radiofônicas e através desta experiência difunde-se por todo o território brasileiro. Há uma experiência semelhante com o rádio usada para fins educativos em Natal, porém, segundo Francisca Argentina, o presidente sequer menciona este fato, bem como a experiência de Penedo (Alagoas) e Crato.

Outro ponto colocado e que foi ressaltado pelo Relatório Anual do MEB é o fato das Escolas Radiofônicas não substituírem o ensino tradicional primário, se tratando, outrossim, de um paliativo, ou como o próprio relatório pontua, “uma solução de emergência” para um problema que perdurava: o déficit educacional e as altas taxas de analfabetismo.

O Relatório Anual do MEB em 1961 é enfático nos motivos da escolha por essa estrutura de projeto e justifica:

(...) Como o Brasil está ainda longe de dispor da rede escolar primária de que necessita para atender a milhões de alunos em idade escolar, as escolas radiofônicas, atuando junto a adolescentes e adultos, visam a preencher esta lacuna, já que o índice de analfabetismo continuará crescendo nos próximos anos, em vista da desproporção entre o incremento populacional e as oportunidades de escolarização.¹⁰

Francisca Argentina pondera, na sua obra que a origem do MEB se deve à experiência da Escola Radiofônica em Sergipe e a direta participação da Igreja na pessoa de Dom Távora em Aracaju. Porém, Isaías Nascimento afirma que a experiência vem de fora, mais especialmente de Natal, no trabalho do Arcebispo Dom Eugênio

¹⁰ Relatório Anual 1961. Rio de Janeiro, 1962, p.3, mimeo. In. BARROS, Francisca Argentina. Movimento de Educação de Base: MEB em Sergipe, 1961-64.

Sales, e anteriormente em Sutatenza, na Colômbia, com monsenhor Salcedo. A autora lembra também que a educação à distância remonta a década de 20, quando a Rádio Sociedade do Rio passou a investir em palestras, cursos e conferências com as presenças ilustres de Einstein e Madame Curie. Roquette Pinto percebeu, em artigo publicado em 1926, que o problema educacional brasileiro poderia ser resolvido por meio do rádio.

Segundo Francisca Argentina Gois Barros, o cenário era propício para o crescimento do ensino por esse meio e as Escolas Radiofônicas prosperaram entre 1961 e 1965, foram 317 emissoras inauguradas, porém com a chegada da Ditadura Militar em 1964, houve um decréscimo nas inaugurações, entre 1965-1969 são apenas 72 emissoras abertas e segundo o Histórico do Rádio Educativo no Brasil (1962-70), verifica-se que no quinquênio 1960-65, uma queda no crescimento da radiodifusão escolar, isto se dá claramente devido à repressão da Ditadura Militar brasileira que em Sergipe fechou várias escolas. Este fator irá influenciar diretamente no sucateamento do projeto educacional

Com o passar do tempo, após estabelecer-se em Sergipe, ao longo de 1959-64, Dom Távora sai em visita aos interiores do Estado e conhece a falta de saneamento básico causador de doenças, a falta de estrutura e as vítimas da seca, paulatinamente as Escolas Radiofônicas passam por mudanças em seu *modus operandi*, tornando-se muito mais que uma mídia educativa, um veículo aglutinador, formador de opinião e tomada de consciência, apontando uma saída para o homem do campo e o trabalhador da cidade, esclarecendo e apontando seu lugar na sociedade. Aos cristãos com maior poder aquisitivo, Dom Távora conclama-os a abraçarem com responsabilidade o sofrimento social a fim de modificar este quadro perverso. É assim que o bispo dos operários também se torna o bispo dos desprovidos e deserdados da terra, ele procura na educação a saída para uma vida melhor e uma saída para todos os males que atingem o homem, volta-se, portanto, para as populações mais carentes, especialmente os camponeses

O bispo dos operários não agirá solitariamente, se somarão órgãos e departamentos públicos, bem como órgãos da própria Igreja somando-se para mitigar ou mesmo debelar a questão do homem do campo em toda sua problemática, bem como o homem da cidade. Dom Távora via na educação, na informação, na instrução técnica e no esclarecimento político social a chave para libertar o homem de sua situação de miséria material. Eis os colaboradores que se somam a Dom Távora na árdua tarefa de

acabar com o sofrimento dos estratos mais necessitados combatidos pela seca no campo e pela pauperização na cidade: Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERU), Sistema Rádio Educativo Nacional (SIRENA), Departamento Nacional de Obras contra a Seca (DNOCS), Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), além do Governo do Estado e o município de Aracaju.

Todo este esforço de Dom Távora na luta contra o analfabetismo surgia de sua concepção deste ser o mal maior; sanado este problema os demais findariam, pois para o bispo de Aracaju, a chave para o fim das estruturas de injustiça social estavam na educação. Um trecho da obra de Francisca Argentina Gois Barros ratifica esta posição:

É interessante notar, porém, que o enfoque dado por Dom Vicente Távora, prioritariamente à questão do analfabetismo não era gratuito. Com efeito, para ele, este era o mal maior. Uma vez sanado, acreditava, levar-se-ia à libertação dos demais. (...) não deixava de ver na educação a possibilidade de alteração das estruturas sociais, econômicas e políticas vigentes, e de criação de uma sociedade mais justa e humana. Essa educação, voltada para a promoção das camadas sociais historicamente marginalizadas, passará, necessariamente, a contemplar em seu ideário não somente aqueles conteúdos que foram consagrados pela escola formal, mas também alguns ensinamentos adicionais que ajudassem os alunos a enfrentar os problemas por eles diagnosticados. (BARROS, p.124-125)

Percebemos em Dom Távora quase que uma obsessão pela busca da educação do seu redil diocesano, este via o saber como libertador e uma panaceia para todos os males sociais. Francisca Argentina colhe do Comunicado Mensal da CNBB importante pensamento do bispo e sua visão de mundo a respeito da condição humana, da pobreza e sua solução:

70% dos adultos e adolescentes que vivem em nossas áreas subdesenvolvidas desconhecem os caminhos de melhoria para sua existência porque vivem na escuridão da ignorância que é uma forma terrível de escravidão humana. Fazem parte daqueles 2/3 da população do mundo que todas as noites vão dormir com fome e na sua grande maioria todos os dias pisam a terra doentes, vítimas das endemias (...). Há urgências gritantes de se abrirem aos nossos camponeses, operários e suas famílias, as riquezas da educação de base, fundamental.¹¹

¹¹Comunicado Mensal da CNBB, nº.100, fev. 1961. In. Movimento de educação de base: MEB em Sergipe.

Percebe-se a importância do projeto das Escolas de Radiodifusão, idealizado por Dom Távora, a partir do momento que o MEB o endossa, expandindo seu grau de ação não mais para Sergipe ou a região Nordeste, mas como um projeto nacional chancelado pelo Governo Federal. Portanto, a parceria entre a Igreja e o Estado no combate e erradicação do analfabetismo tem como ponto de partida o ideário desenvolvimentista e humanístico de Dom Távora.

A influência de Dom Távora e da Igreja conseguiu agregar diversos colaboradores no meio do laicato católico, da sociedade civil e no meio político, entre estes últimos estão: O Ministério da Educação e Cultura, o Ministério da Agricultura, o Ministério da Saúde, o Ministério da Aeronáutica, o Ministério de Viação e Obras Públicas, além dos ditos órgãos-cooperadores a exemplo da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, o Serviço Social Rural, a Comissão do Vale do São Francisco e a Superintendência da Valorização da Amazônia.

Na prática, porém, o MEB não recebia aquilo que lhe era prometido. Segundo Barros, no ano de 1961 esperou-se receber Cr\$ 33.000.000,00 (trinta e três milhões de cruzeiros); no ano de 1962 o valor esperado era de Cr\$ 604.019.000,00 (seiscentos e quatro milhões e dezenove mil cruzeiros), porém, sem nenhuma justificativa o repasse caiu para Cr\$ 468.073.000,00 (quatrocentos e sessenta e oito milhões e setenta e três mil cruzeiros), ou seja, segundo a própria autora da pesquisa “verificou-se que em nenhum deles o montante de verbas prometido foi, efetivamente, recebido¹²”

O decreto presidencial também previa que no ano de 1961, por exemplo, fossem instaladas 15.000 (quinze mil) Escolas Radiofônicas, porém estes números não foram seguidos a risca devido à irregularidade de verbas, prejudicando a consecução do projeto educativo.

4- O MEB na rádio

Em 1961, o presidente Quadros formalizou o sonho de Dom Távora quando chancelou o decreto 50.371/61 dando seu total apoio à radiodifusão através da parceria com o MEB. Mas o que viria a ser o Sistema Rádio Educativo? Barros responde através do Relatório Anual do MEB, de forma peremptória:

¹² 2014, p.134

Por Sistema Rádio Educativo entende-se o conjunto: a) uma equipe treinada e equipada para a radicação e supervisão das escolas radiofônicas, bem como para a produção e emissão de programas rádio educativos; b) uma rede de escolas radiofônicas, sendo cada uma delas equipada com um receptor cativo, onde um grupo de alunos, coordenados por um monitor, se reúne para ouvir as aulas e realizar na própria comunidade ações decorrentes do trabalho educativo.¹³

Mas qual a origem do material usado pelo MEB, sua inspiração? Osmar Fávero, em entrevista ao Portal do EJA nos conta que a cartilha Viver é lutar do MEB, baseou-se na cartilha do MCP (Movimento de Cultura Popular) criado em Recife, nos primeiros meses de 1961, na prefeitura de Miguel Arraes conforme relata:

A principal demanda posta na sua prefeitura é a educação. A prefeitura dava o material, por exemplo, prego e madeira e a escola funcionava em locais como igreja, clubes esportivos, Rotary, etc. (...) O MCP não ficou tanto conhecido por esta campanha, mas pelo trabalho de cultura popular, onde encontramos Paulo Freire, Abelardo da Hora, Paulo Rosa. (...) O MCP retoma as bases da riqueza artesanal de Pernambuco, da riqueza das festas folclóricas e começa a trabalhar isso pela música, pelo teatro, pelo artesanato. O teatro popular no Nordeste começa a fazer peças de cunho popular. Dentro de todo este contexto havia um grande projeto de alfabetização de adultos, que é muito mais que mera alfabetização. (...) A riqueza do MCP é produzir um material para a alfabetização e pós-alfabetização de adultos. Recebemos o material da Revolução cubana e segundo a UNESCO as lições tinham que ser concretas, as palavras tinham que fazer sentido. A gente encontra sentido nos livros de Cuba, que não é A, E, I, O, U; mas é O, E, A. Uma Cuba recém-banida da OEA (Organização dos Estados Americanos) aquilo era mais concreto, e além de concreto, era politicamente concreto. (...) Com a experiência de Angicos, saída no Jornal do Brasil, que se era possível alfabetizar em 48 horas o Método Paulo Freire ganha notoriedade. Estas experiências conjuntas vão influenciar o MEB. (...) Em fins de 1963 foi elaborado o PNA (Plano Nacional de Alfabetização) visando alfabetizar cinco milhões de jovens e adultos em dois anos. O PNA teve início no Estado do Rio de Janeiro, mas foi interrompido logo após o golpe militar de 1964.¹⁴

O MEB estava disposto administrativamente na seguinte hierarquia: Conselho Diretor Nacional, Diretoria Executiva, Secretariado Central, Diretoria Executiva, Equipes Estaduais, Equipes Locais. O responsabilidade dos sistemas regionais estava

¹³ Relatório Anual, 1962. In BARROS, Francisca Argentina Gois. Movimento de Educação de Base.

¹⁴Sistema Paulo Freire – 1963. Entrevista com Osmar Fávero. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=z9xjLADzLIA. Acessado em 12 de julho de 2017.

sob responsabilidade da Equipe Estadual, já a Equipe Local era incumbida de estudar a área em que a escola iria ser instalada, treinamento de pessoal e planejamento. Percebemos que havia uma alta divisão de tarefas visando atingir uma maior organização e melhoria nos índices educacionais e desta forma aumentar a eficácia qualitativa e quantitativa do projeto educacional.

No dia 17 de julho de 1963, um novo decreto é lançado por João Goulart (1919-1976), novo presidente da República. Francisca Argentina Barros nos apresenta esta nova etapa do MEB:

Por este novo Decreto, assinado pelo Presidente João Goulart, a área de atuação do MEB ficava consideravelmente ampliada. Além dos estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, incorporaram-se os estados de Minas Gerais e, em sua totalidade, os da região Amazônica e das demais áreas do país que viessem a se interessar pelos serviços prestados pelo Movimento. Dessa forma, o MEB finalmente marcara presença em quase todo o território nacional, atuando através dos Sistemas Rádio Educativos. (BARROS, p.137)

Segundo pesquisa minuciosa da autora, em 1959, as Escolas Radiofônicas não possuíam um quadro de funcionários próprios, tendo estes que ser emprestados, segundo a autora, de “repartições públicas do Estado e da Prefeitura de Aracaju”, porém, seu número era diminuto para atender o Estado de Sergipe. A contratação de pessoal só vai ser possível com a criação do MEB e as verbas possibilitarão a formação de uma equipe própria.

A Rádio Cultura de Sergipe nasce, portanto, com o intuito de educar e formar os analfabetos e a comunidade sergipana em geral, partindo de uma necessidade observada por estudos técnicos capitaneados pelo bispo de Aracaju. Apresentemos este veículo de difusão católica por suas próprias palavras, extraídas do seu site oficial e atualizado nos dias atuais:

Fundada em 21 de novembro de 1959 por Dom José Vicente Távora, então Bispo de Aracaju, a Rádio Cultura de Sergipe tinha como objetivo colaborar no projeto de educação popular do Movimento de Educação de Base, que levava a educação aos camponeses. Há cinquenta e seis anos a Rádio Cultura leva ao ouvinte uma programação de qualidade na

qual consta educação, cultura, informação, cidadania, entretenimento e evangelização.¹⁵

O rádio foi o instrumento, portanto utilizado para levar educação e formação, além de conhecimento técnico para todo o Estado. Pela sua simplicidade e popularidade, conteúdos antes restritos a salas de aulas e inacessíveis a uma massa incontável de indivíduos poderiam ser compartilhados. “O MEB (através da Rádio Cultura) ensinou muita gente a ler e escrever, através das aulas de português, matemática e legislação que eram transmitidas pelo rádio”, pontua Gilvan Fontes, funcionário da referida rádio a 41 anos.

Nas “Conclusões Gerais” do I Encontro de Emissoras Católicas do Brasil, realizado pelo Secretariado Nacional de Ação Social da CNBB, no Rio de Janeiro, de 25 a 29 de setembro de 1959 vários órgãos de comunicação social, ligados a Igreja, submetidos ao RENE (Representação Nacional de Emissoras Católicas) se reuniram com o fito de discutir e traçar metas comuns para todos os órgãos da imprensa católica, além de receberem apoio técnico e jurídico. Foi exposto no artigo três:

Sendo o fim primordial das Emissoras Católicas a formação cristã do povo, deve ser tentado um trabalho organizado de Educação de Base, a ser realizado de acordo com as exigências locais, isto é:

Em zona subdesenvolvida será utilizado, de preferência, o método das Escolas Radiofônicas com rede de receptoras cativas (...). Em zona cujo desenvolvimento já se faz notar pela multiplicação de aparelhos receptores o trabalho, que será feito por equipe de técnicos, indicará a modalidade de atuação a ser utilizada pela Emissora Católica local ou rede de Emissoras.¹⁶

Em seguida, um adendo importante, lembrando que qualquer órgão deve estar submetido à autoridade maior da Igreja naquela região, ou seja, o bispo, que a época era Dom Távora afirmou que devia se entender toda referência feita a Emissora Católica como estando sob a orientação direta do Ordinário local.¹⁷

¹⁵ História da Rádio Cultura. Disponível em: www.cultura670.com.br. Acessado em 16 de agosto de 2017.

¹⁶ I Encontro Nacional de Emissoras Católicas. Pasta 53. Documentos sobre Dom José Vicente Távora -1958/59- extraído do acervo da Cúria Metropolitana de Aracaju-SE.

¹⁷ Op. Cit.

Percebemos através deste Encontro, que a forte hierarquia da Igreja Católica ajudou a consolidar e organizar um projeto ambicioso de educação das massas dando coesão administrativa para o todo e suas partes. Ainda se referindo ao mesmo encontro, foi debatida a questão da formação e preparo de monitores e organização de Rádio ouvintes nas Recomendações:

Não devem ser iniciadas as Escolas Radiofônicas antes de uma devida habilitação do pessoal encarregado do Serviço e de uma preparação psicológica do meio, levando-se em conta que se trata de um trabalho a ser realizado por etapas. (Ibidem)

O articulador da concessão da emissora de rádio que transmitiria o conteúdo para Sergipe foi Dom Távora, este se esmerou de todas as formas, confabulando com políticos, técnicos e dirigentes de rádio a fim de trazer a dita emissora para Aracaju. Prova disto é o telegrama a seguir, que fala da concessão da Rádio Cultura de Sergipe:

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1958.

Prezado Dom Távora. Saudações em Nosso Senhor.

Depois de várias buscas, consegui localizar o processo da Estação de Rádio, o mesmo encontra-se na Comissão Técnica de Rádio com o senhor Durão. Para que o processo tenha andamento e seja concedido o respectivo canal, é necessário que a entidade requerente, se constitua por contrato social de cotas ou sociedade anônima, Acho mais conveniente, que seja Sociedade por Cotas, para isso, envie-me uma Minuta do contrato que arranjei naquela Comissão Técnica, que poderá servir de modelo.¹⁸

No período de criação da Rádio Cultura, Dom José Vicente Távora, com o apoio de Dom Helder chegaram a participar, segundo A Cruzada de 18 de fevereiro de 1961, de uma audiência em Brasília, com o Secretário Particular do Presidente Jânio Quadros, de nome José Aparecido com a finalidade de tratar dos “planos e demais elementos” que julgasse necessário para o Movimento Social de Educação de Base. O mesmo jornal noticia o convite de Dom Helder para que o bispo de Aracaju estivesse no Rio de Janeiro, domingo, 19, com a finalidade de se reunir com um grupo de técnicos especializados em Educação de Base para definir o que conversar com o Presidente da República e assim traçar deliberações concretas. (A Cruzada, 13 de junho de 1959).

¹⁸A CRUZADA. Aracaju, 13 de junho de 195. Primeira página.

A Rádio Cultura é, pois, essencial para o projeto educacional idealizado por Dom Távora, devido à popularização do rádio transistor, algumas famílias naquela época já possuíam seu aparelho. Muitos rincões de Sergipe contavam com seu equipamento radiofônico, além disso, vários rádios cativos foram distribuídos pelo projeto educacional custeado primeiramente pela Igreja, depois pelo MEB, através de dotações orçamentárias do Governo Federal e os seus ministérios e órgãos coligados. Eis ao que se deve o sucesso inicial do projeto: a popularidade do veículo escolhido. Outro motivo de êxito que possibilitou a alfabetização de milhares de pessoas foi o método escolhido. Paulo Freire é conhecido por ver o aluno como um construtor de saber, não um receptáculo em que o conhecimento deve ser depositado. Martinho Condini cita o próprio Freire e explica a este respeito o que ficou conhecido como “educação bancária” ou “alienante” e “educação libertadora” ou “conscientizadora”:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guarda-los e arquivá-los (...) no fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nessa equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da *práxis*, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nessa distorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. (FREIRE - APUD CONDINI, 2009, p. 66-67)

É desta forma que nasce um breve, mas fecundo e inspirador casamento para o ensino, não somente sergipano, mas nacional. Um matrimônio entre o rádio e uma educação inspirada nos ideais populares. A Cruzada noticia o espírito daquela época ressaltando as palavras do então bispo diocesano, Dom Távora:

A Rádio Cultura de Sergipe, nascida sob inspiração da Diocese de Aracaju, será uma emissora a serviço da educação do nosso povo e do desenvolvimento do Estado, propugnada pela união entre todos os sergipanos, no esforço comum pelo engrandecimento desta terra.¹⁹

O rádio e a educação eram os veículos que trariam a Sergipe o tão propalado desenvolvimentismo, palavra tão querida, mesmo com matizes diferentes, ao presidente

¹⁹A Cruzada, n. 1101. 18 de julho de 1959. Primeira página.

da República, Jânio Quadros e a Dom Távora; pois se para este tratava-se da promoção humana, da valorização do indivíduo em sua totalidade, sendo a educação a porta de saída que o arrancaria das garras da miséria, da fome e das piores condições materiais de vida, além de levar o esclarecimento às mentalidades e as periferias; para aquele era o progresso industrial além do salto quantitativo e qualitativo na indústria nacional.

É neste espírito que o jornal A Cruzada noticia, no período de 1959, um passo importante do Governo Federal para a instalação da rádio que levará educação, informação e conteúdo cultural aos sergipanos:

O presidente da República assinando o decreto n. 46.396 de 09 do corrente fez outorga de concessão para instalação da Rádio Cultura de Sergipe, emissora que se destina a inaugurar uma nova fase educativa no Estado, através do lançamento de suas Escolas Radiofônicas, além de contribuir com as demais emissoras sergipanas, na elevação do nível artístico e cultural de nossa terra.²⁰

Percebemos nas palavras do noticiário católico, o entusiasmo que permeava as mentalidades naquela época. Nas entrelinhas frias do papel há um frêmito de esperança que perfaz os educadores e os entusiastas do ensino. São os ventos de um possível progresso, trazidos pelo fato de poder contar com uma emissora a serviço da promoção humana e especialmente da educação, visto que os números de analfabetos em 1959 eram alarmantes.

Não podemos, no entanto, falar em educadores e educação sem citar o maior inspirador e fomentador do MCP, movimento que serviu de inspiração para as cartilhas do MEB, estamos falando de Paulo Freire. Este educador estava por trás de experiência de Angicos e é o responsável por uma das maiores revoluções no campo educacional. Mesmo não tendo participado diretamente, os mebistas e os voluntários das escolas radiofônicas, inspiraram-se no seu trabalho para desenvolverem a experiência radio educativa de Sergipe.

Em entrevista a Jorge Vasconcelos, apresentador do programa “Certas Palavras” na rádio CBN, já no ano de 1984, quando perguntado sobre o rádio e sua importância no processo de conhecimento, Paulo Freire cita o MEB, as escolas radiofônicas e pondera:

Jamais, como educador, deixei entre parênteses os chamados meios de comunicação, que infelizmente, na sua maioria,

²⁰ Op. cit.

viraram meios de comunicados. Sempre estou alerta para isso, e me lembro de que trabalhei um pouco com isso – não eu, diretamente, mas as equipes do Nordeste, por exemplo, trabalharam no Movimento de Educação de Base, com as escolas radiofônicas. Dei uma contribuição a essas equipes, no sentido de como, aproveitando a escola radiofônica, a gente podia introduzir certos elementos que eu defendia e que o rádio em si não estava fazendo. Não tenho dúvida nenhuma de que é possível fazer um ótimo trabalho educativo, e tenho a impressão de que esse programa é um trabalho educativo. Tenho a impressão, não tenho certeza. É possível aproveitar o rádio. O grande problema do rádio e da televisão não está nem em um nem em outro. O problema é a favor de quem e contra quem estão os meios de comunicação, pois eles não são neutros. Mas acho que nós temos que aproveitar os espaços de que dispomos e até criar as brechas e eu felicito vocês por um tipo de trabalho que me parece correto. (GADOTTI, 1997, p.493).

Freire chama atenção das ideologias propaladas pelos veículos de comunicação, a serviço das classes dominantes, que eram as detentoras da maior parte do aparato televisivo e de radiodifusão, estando estes mais interessados em disseminar sua visão elitista, através de sua programação, ressaltando a visão do patronato em detrimento da visão das massas analfabetas e isentas de senso crítico.

5- Considerações finais

A trajetória de Dom Távora obteve espaço destacado neste artigo, aparecendo como personagem principal por sua importância para a historiografia sergipana no que tange a formação educacional das classes pauperizadas e desprovidas de acesso a educação tradicional. Sua doutrina aplicada na diocese de Aracaju alinhou-se ao momento da Igreja no Brasil, coincidindo com o surgimento da CNBB e com a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II, onde ambos os movimentos prezavam pela promoção social.

Dom Távora foi adepto do desenvolvimentismo, termo popularizado em sua época por Jânio Quadros, porém, enfatizando que este não ocorreria se não fosse acompanhado da promoção e dos valores humanistas. A educação, portanto, foi a sua marca, vendo nesta um fator de mudança social e promoção do indivíduo, não apenas possibilitando melhores condições de vida, como remodelando o Estado, rumo ao tão sonhado porvir e sendo inspiração, como centro irradiador, para as pretensões do progresso educacional brasileiro, visto que a empreitada recebeu apoio do Governo Federal.

O método radiofônico possibilitou uma facilitação do ensino, e o método freireano simplificou a pedagogia tradicional, que via no aluno apenas um receptor passivo. Concatenando realidade social com o aprendizado, se conseguiu levar o estudante para o centro do aprendizado. Com o auxílio do Estado, o MEB inseriu-se no contexto de auxiliar um projeto que já havia se consolidado em âmbito regional, trazendo investimentos para a consecução da alfabetização, expandindo, como foi dito, a experiência de Sergipe para o Brasil. A rádio Cultura se mostra, na época, essencial para a possibilidade da difusão da educação, conhecimento, e assuntos de cunho científico e informativo, tendo sido a sua criação a pretensão essencial de Dom Távora, pois o veículo comunicacional era essencial para as pretensões daquela forma de difundir o conhecimento.

A experiência educacional em Sergipe, encetada por iniciativa da figura do bispo católico, o qual se analisou sua biografia e ação, apesar de breve, deixam frutos de um modelo educacional abrangente que conseguiu de forma simplificada atingir os rincões distantes no campo e nas cidades, levando formação contínua em uma época onde o déficit educacional era elevadíssimo. Toda esta iniciativa só foi possível devido à atividade da figura de Dom José Vicente Távora, que foi o eixo central desta pesquisa. Sua experiência possibilitou a implantação de um modelo educacional totalmente novo, um ensino voltado para a população marginalizada e excluída da educação e do ensino formal.

ABSTRACT

The present article focuses on the figure of Bishop Dom Távora, his participation in Sergipe education through his action within the Catholic Church through radio schools and later through the MEB (Basic Education Movement) in the period between 1958 and 1964. In searches in archives of the Metropolitan Curia of Aracaju, in periodical newspapers, especially the Catholic newspaper The Crusade, besides sections of newspapers Correio de Sergipe and Jornal da cidade besides a vast bibliography focused on themes that aim to debate education with works directed to Paulo Freire and the biography of the bishop himself, written by Father Isaías Nascimento. The educational development in Sergipe allowed to change the social landscape of the State, because union leaderships and social movements were created in the countryside and in the city.

Key word: Dom Távora, broadcasting, Movement of Basic Education, Catholic Church.

REREFÊNCIAS

Fontes:

Arquivo: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aracaju.

Documentos: Cópia do Livro de tomo n. 02.

Jornais:

A Cruzada – 15 de fevereiro de 1959, n. 1189.

A Cruzada – 13 de junho de 1959 p.02, n. 1096.

CINFORM – Ano XXX – Edição 1585; p.3.

Jornal da Cidade, 17 e 18/1/2016, p.2.Caderno Mercado

Correio Sergipe, 18 e 19 /7/2010, p. A11. Correio Urbano.

Bibliografia:

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. Brasília: Cortez, 1996.

NASCIMENTO, Isaías. **Dom Távora: o bispo dos operários**.1.ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

BARROS, Francisca Argentina Gois. **Movimento de Educação de Base: MEB em Sergipe (1961-1964)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

JOSAPHAT, Carlos. **Tomás de Aquino e Paulo Freire: pioneiros da inteligência, mestres geniais da educação nas viradas da história**. 1.ed. São Paulo: Paulus, 2016.

CONDINI, Martinho. **Fundamentos para uma educação libertadora: Dom Helder e Paulo Freire**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

BEOZZO, José Oscar. **Pacto das catacumbas: Por uma Igreja servidora e pobre**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2015.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: FONTES HISTÓRICAS. São Paulo: Contexto, 2011. P. 203-228.

MALATIAN, Teresa Maria. Cadernos CEDEM. Artigo: A biografia e a história, Franca. 1,n.1 p. 16-31, jan. 2008.

Sites da internet:

. Disponível em:
<www.cultura670.com.br>. Acessado em 16 de agosto de 2017.

Disponível em:
<www.youtube.com/watch?v=z9xjLADzLIA>. Acessado em 12 de julho de 2017.